

**PET Indígena**

30 de maio de 2020 · 🌐



Infelizmente, o Covid-19 chegou no Kumarunã, a maior aldeia do povo Galibi-Marworno, onde vivem mais de duas mil pessoas. O relato de Arilson dos Santos mostra as medidas tomadas pelo seu povo para conter o vírus e as dificuldades para sua implementação. Leia, curta, comente e compartilhe. Nos ajude a divulgar!

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Eu me chamo Arilson dos Santos Narciso, tenho 23 anos, sou do povo Galibi-Marworno e moro na Aldeia Kumarumã. Tenho acompanhado pela TV e em outros meios de comunicação como o vírus da COVID-19 vem agindo e matando rapidamente milhares de pessoas no Brasil e no mundo. Por isso decidi me isolar com a minha família aqui na minha comunidade, evitando contrairmos o vírus. Aqui na minha comunidade foram tomadas várias decisões junto aos profissionais de saúde indígena para que o vírus não chegasse até nós. Uma delas, foi a decisão de proibir a saída e a entrada de parentes vindos das cidades de Oiapoque, São Jorge e Macapá, por tempo indeterminado. Também foi interrompido diversos tipos de eventos internos que causam aglomeração de pessoas, como culto de igrejas, reuniões da comunidade e futebol, teve também a proibição de ingerir bebidas alcólicas. Caso alguém desobedeça, será imediatamente punido, conforme foi determinado pela comunidade.

O isolamento social contribui muito para nos distanciar do vírus da COVID-19, protegendo, sobretudo, as nossas crianças e nossos idosos. Mas essa situação fica difícil para muitas pessoas, porque a maioria vive da produção de farinha de mandioca, então elas precisam chegar até a cidade para vender seus produtos e comprar seus mantimentos. Na mesma situação, têm funcionários que precisam tirar seu dinheiro e comprar seus alimentos, ou seja, com o isolamento social por causa da Covid-19 também ficou difícil para nós. No meu caso, como sou integrante do PET, tem horas que preciso entrar em contato com a minha professora-tutora pela internet e não consigo, porque aqui a internet não é 24 horas como na cidade. Quando vou acessar tenho que ficar sempre atento, usar máscara e manter distância das pessoas. Com o passar dos dias os casos de Coronavírus foram aumentando no Amapá, mas muita gente da aldeia precisava ir ao Oiapoque comprar mercadorias e outras coisas, então a comunidade decidiu reabrir para ir à cidade. Nesse momento de reabertura muitas pessoas foram para o Oiapoque comprar seus mantimentos, vender produtos e fazer serviços bancários. Foi determinado entre as comunidades indígenas que era possível permanecer apenas um dia na cidade, se passasse desse período, não seria possível mais entrar ou haveria punição. Tudo ocorreu em cima da regra, conforme foi determinado. Muita gente, inclusive eu, ficou preocupada com essa saída, pois alguém poderia contrair o vírus e levar até a nossa aldeia. Desde essa saída da aldeia para a cidade, muita gente vem apresentado sintomas desse vírus no Kumarumã, e estamos com quatro casos confirmados na nossa aldeia. Esses casos foram identificados pela equipe de saúde que veio de Macapá e fez testes rápidos aqui no Kumarumã. Eles disseram que as pessoas que estão com a Covid-19 mostraram sintomas leves, felizmente.

Acredito que não é por acaso que nossos parentes apresentaram sintomas leves, porque aqui na comunidade temos conhecimentos dos nossos antigos sobre os remédios caseiros tradicionais que são usados para combater doenças. Através dos nossos Karuanãs (seres sobrenaturais) passamos a conhecer as ervas boas para curar doenças. Isso é o que nós indígenas chamamos de medicina tradicional. Gostaria de dizer aos meus parentes indígenas que fiquem em suas aldeias, porque logo isso vai passar!

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil, 27 de maio de 2020.

Je m'appelle Arilson dos Santos Narciso, j'ai 23 ans, je suis du peuple Galibi-Maworno et je vis dans le village Kumarumã. J'ai su par la télé et d'autres moyens de communication comment le virus du Covid-19 agit et tue rapidement des milliers de personnes au Brésil et dans le monde. C'est pourquoi j'ai décidé de m'isoler avec ma famille ici dans ma communauté, pour éviter de contracter le virus. Ici dans ma communauté, plusieurs décisions ont été prises en collaboration avec les professionnels de la santé indigène pour que le virus n'arrive point jusqu'à nous. Une d'entre elles a été la décision d'interdire la sortie et l'entrée de parents provenant des villes de Oiapoque, São Jorge et Macapá, pour un temps indéterminé. Il a été aussi interrompu divers types d'évènements qui entraînent l'agglomération de personnes, comme les lieux de cultes, réunions de la communauté et football, il a été interdit aussi de boire des boissons alcoolisées. Dans le cas où quelqu'un désobéit, il sera immédiatement puni comme aurait été déterminé par la communauté.

L'isolement social contribue beaucoup à nous éloigner du COVID-19, protégeant surtout nos enfants et nos vieilles personnes. Mais cette situation devient difficile pour beaucoup de gens, parce que la majorité vit de la production de farine de manioc, alors ils ont besoin d'aller jusqu'en ville afin de vendre leurs produits et faire leurs courses. Dans la même situation, il y a des fonctionnaires qui ont besoin de retirer leur argent et acheter des aliments c'est-à-dire, avec l'isolement social pour cause du Covid-19, cela est devenu difficile pour nous aussi. Dans mon cas, je suis membre du PET, il y a des heures où j'ai besoin d'entrer en contact avec ma professeur-tutrice par internet et je n'y arrive pas, parce que ici l'internet n'est pas disponible 24h comme en ville. Quand j'accède à l'internet, je dois rester toujours attentif, utiliser un masque et garder une distance entre les personnes. Avec les jours passés, les cas de Coronavirus ont augmenté dans l'état de Amapá, mais beaucoup de personnes avaient besoin d'aller à Oiapoque acheter des marchandises et autres choses, alors la communauté a décidé de réouvrir afin d'aller en ville. En ce moment de réouverture, beaucoup de personnes ont été à Oiapoque afin d'acheter leurs aliments, vendre leurs produits et faire des transactions bancaires. Il a été décidé entre les communautés indigènes que c'est possible de rester uniquement en ville pendant une journée, si ce délai passe, il ne sera plus possible d'entrer ou il aura de sanction. Tout s'est passé conformément à ce qui a été déterminé. Beaucoup de personnes, y compris moi, étions préoccupés, avec cette sortie, parce que quelqu'un pourrait contracter le virus et l'amener jusqu'à notre village. Depuis cette sortie du village pour la ville, beaucoup de personnes ont commencé à présenter des symptômes de ce virus à Kumarumã, et nous avons 04 cas confirmés dans notre village. Ces cas ont été identifiés par l'équipe de santé venu de Macapá et ils ont fait des testes rapides ici à Kumarumã. Ils ont dit que les personnes

qui ont le Covid-19 ont montré des symptômes légers, heureusement. Je crois que ce n'est pas par hasard que nos parents qui ont le Covid 19 ont présenté des symptômes légers, c'est parce que ici dans la communauté nous avons des connaissances de nos vieillards sur des remèdes maisons traditionnels qui sont utilisés pour combattre les maladies. À travers nos Karuanãs(êtres surnaturels) , nous avons connu les bonnes plantes pour guérir des maladies. Ceci est ce que nous indigènes appelont médecine traditionnelle. J'aimerais dire à mes parents indigènes de rester dans leur village, parce que tout cela passera bientôt!

Village Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brésil, 27 Mai 2020.

Traduit par Manuella Adèle Fifamè Chokki

"My name is Arilson dos Santos Narciso, I am 23 years old, I belong to the GalibiMarworno people and I live in Kumarumã village. I have been following on TV and in other media how the COVID-19 virus has been acting and quickly killing thousands of people in Brazil and worldwide. For this reason, I decided to isolate myself with my family here in my community to avoid contracting the virus. Here in my community, several decisions were made with indigenous health professionals so that the virus would not reach us. One of them was the decision to prohibit for an indefinite period the departure and entry of relatives from the cities of Oiapoque, Saint-Georges de l'Oyapock and Macapá. Also, several types of internal events that cause crowds of people were interrupted, such as church services, community meetings and football along with the ban on drinking alcoholic beverages. If someone disobeys it, they will be immediately punished, as determined by the community.

Social isolation contributes a lot to distance us from the COVID-19 virus, protecting especially our children and our elderly. But this situation is difficult for many people, because most live on the production of manioc flour, so they need to get to the city to sell their products and buy their groceries. In the same situation, there are employees who need to withdraw their money and buy their food, which means that being self-isolated has become also a difficult task for us. In my case, as I am a member of PET, there are times when I need to contact my tutor-teacher over the internet and I cannot, because we do not have access to the internet for 24 hours like in the city. When I can access it, I always have to watch out, wear a mask and keep distance from people. As the days went by, Coronavirus cases increased in Amapá, but many people from the village needed to go to Oiapoque to buy goods and other things, so the community decided to reopen to go to the city. In this moment of reopening, many people went to Oiapoque to buy their groceries, sell products and do banking services. It was determined among indigenous communities that it was possible to stay just one day in the city, if it the person extended that period, it would not be possible to enter, otherwise the person would be punished. Everything happened as determined. Many people, including me, were worried about they going out frequently, because someone could contract the virus and spread it in our village. I've noticed that since they started leaving the village to go to the city, many people have been showing symptoms in Kumarumã, and we have four confirmed cases in our village. These cases were identified by the health team who came from Macapá to do some tests in our community. They said that people who contracted the Covid-19 were showing mild symptoms, thankfully. I believe that it is not by chance that our relatives showed mild symptoms, because

here in the community we have knowledge of our ancients about the traditional home remedies that are used to fight diseases. Through our Karuanãs (supernatural beings) we come to know the good herbs to cure diseases. This is what we indigenous people call traditional medicine. I would like to tell my indigenous relatives to stay in their villages, because this will pass soon!"

Kumarumã village, Oiapoque, Amapá, Brazil, May 27, 2020.

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

Yo me llamo Arilson dos Santos Narciso, tengo 23 años, soy del pueblo Galibi-Marworno y vivo en la aldea Kumarumã. He seguido por la televisión y en otros medios de comunicación como el virus del Covid-19 ha estado actuando y matando rápidamente a millares de personas en Brasil y en el mundo. Por eso decidí aislarme junto con mi familia aquí en mi comunidad, evitando que contraigamos el virus. En mi comunidad fueron tomadas varias decisiones junto a los profesionales de la salud indígena para que el virus no llegase hasta nosotros. Una de ellas fue, la decisión de prohibir la salida y entrada de parientes venidos de las ciudades de Oiapoque, San Jorge y Macapá, por tiempo indeterminado. También fue interrumpido diversos tipos de eventos internos, que causan aglomeración de personas, como cultos en las iglesias, reuniones de la comunidad y fútbol. Hubo también la prohibición de ingerir bebidas alcohólicas. En caso que alguien desobedezca, será inmediatamente castigado, conforme fue definido por la comunidad.

El aislamiento social contribuyó mucho para que nos distanciemos del virus Covid-19, protegiendo sobretodo a nuestros hijos y ancianos. Pero esa situación resultó difícil para muchas personas, porque la mayoría vive de la producción de harina de yuca, por lo tanto ellas necesitan llegar hasta la ciudad para vender sus productos y comprar sus productos de primera necesidad. En esa situación también están muchos funcionarios que necesitan sacar su dinero y comprar sus alimentos, o sea, el aislamiento social por culpa del Covid-19 también nos resultó difícil. En mi caso como soy integrante del PET, hay horas que necesito entrar en contacto con mi profesora tutora por Internet y no lo consigo, porque aquí el Internet no es de 24 horas como en la ciudad. Cuando voy a acceder a la red tengo que estar siempre atento, usar mascarillas y mantener una distancia de las personas. Con el pasar de los días, los casos de coronavirus fueron aumentando en Amapá, pero mucha gente de la aldea necesitaba ir a Oiapoque para comprar mercancías y otras cosa. Por lo tanto la comunidad decidió reabrir para ir a la ciudad. En ese momento de reapertura, muchas personas fueron a Oiapoque a comprar sus productos y a hacer servicios bancarios. Fue determinado entre las comunidades indígenas que era posible permanecer sólo un día en la ciudad, si pasase ese periodo no sería posible entrar más o habrá un castigo. Todo ocurrió conforme fue determinado. Mucha gente en la que me incluyo, estábamos preocupados con esa salida de la aldea a la ciudad, pues alguien puede contraer el virus y llevarlo hasta nuestra aldea. Desde esa salida de la aldea a la ciudad, mucha gente viene presentando síntomas leves, de ese virus en Kumarumã, ya estamos con cuatro casos confirmados en nuestra aldea. Esos casos fueron identificados por el equipo de salud que vino de Macapá e hizo pruebas rápidas aquí en Kumarumã. Ellos dijeron que las personas que están con Covid-19 mostraban síntomas leves, por suerte. Creo que no es casualidad que nuestros parientes presenten síntomas leves, porque aquí en la comunidad tenemos conocimientos de

remedios tradicionais caseiros, que son usados para combatir enfermidades. A través de nuestros Kuruañas (seres sobrenaturales), pasamos a conocer las hierbas buenas para curar enfermidades. Eso es lo que nosotros los indígenas llamamos de medicina tradicional. Me gustaría decir a mis parientes indígenas que se queden en sus aldeas porque, luego eso va a pasar.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil, 27 de mayo de 2020.

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu



   74

7 comentários 47 compartilhamentos